

Observações

Permanece no meio do clero e dos agentes de pastoral "clericalizados" o preconceito de que a religiosidade popular é um subproduto da religião oficial. O interesse pela religiosidade popular para um grande número deles não passa de uma estratégia: encher a igreja de fiéis pelo simples gosto de ver a igreja cheia, ou para a partir do que o povo gosta levá-lo ao engajamento social e político.

Permanece no meio do clero e dos agentes de pastoral "clericalizados" o preconceito de que a religiosidade popular é um subproduto da religião oficial.

Encontramo-nos numa situação contraditória. Os livros litúrgicos e os documentos da Santa Sé abrem as portas para a integração da religiosidade popular e da liturgia. Não se percebe porém, nenhuma concretização neste sentido. Continuamos com uma liturgia romana, sem nada de característico de nossa gente. Como exemplo basta citar o ritual do matrimônio. Apesar das faculdades de se elaborar um ritual consoante com os "usos dos lugares" a CNBB nada mais fez do que uma simples tradução.

As causas desta não-integração devem ser muitas. Algumas, porém, saltam à vista.

- 1— O desconhecimento das orientações litúrgicas. Poucos padres e outros agentes de pastoral leram as orientações que introduzem os rituais e os demais documentos da Santa Sé, do CELAM e da CNBB.
- 2— o desconhecimento da cultura popular. Esta é mais séria e profunda. Os padres, como os demais brasileiros, têm uma formação escolar cujo sistema foi sempre importado. Noutros tempos nossa escola imitava o sistema educacional francês. Atualmente importa o sistema americano.
- 3— As orientações dos rituais e dos documentos continuam sendo orientações de uma elite para outra elite. O povo simples com seu rico patrimônio de religiosidade popular permanece mudo. Os intérpretes que se colocam como intermediários e porta-vozes do povo acabam impondo os pontos de vista próprios. A consequência é sem dúvida o que aí está: a distância enorme entre liturgia e religiosidade popular.

Conclusão

"a liturgia não é moda que possa desaparecer com o decorrer do tempo, . . ."

Estas são algumas observações a respeito do levantamento feito em 1984 para avaliar a caminhada da pastoral litúrgica após a publicação da Constituição "Sacrosanctum Concilium". O material encontra-se arquivado no Regional

e até o momento não foi aproveitado, apesar da riqueza de informações.

O Cardeal Jean Villot inspiradamente escreveu que "a liturgia não é moda que possa desaparecer com o decorrer do tempo, na vida da Igreja, ainda que certas circunstâncias particulares possam fazer sentir a urgência de outros aspectos da vida e do trabalho eclesial, como o campo da catequese ou da promoção humana".

A liturgia nunca foi o forte do nosso Regional. O movimento litúrgico do começo do século, por exemplo, nem chegou aqui. Imediatamente após o Concílio, quando ainda fazíamos parte do Regional Sul III houve um despertar de interesse pela renovação litúrgica, mas muito rápido voltamos à letargia.

Se a liturgia não é moda (Cardeal Villot), se o fomento da vida cristã, a adaptação das instituições eclesiais à nossa época, o movimento ecumênico e o impulso missionário dependem do incremento da liturgia (SC 1), o novo Plano de Pastoral do Regional Sul IV não pode ficar desatento para este setor tão importante da ação eclesial

Endereço do Autor: Casa Paroquial
88340 — Camboriú — SC

Para Implantar Mistérios de Deus em SC

Pe. Helcion Ribeiro
Professor de Cristologia

Esta reflexão teológica, para agentes de pastoral envolvidos com o programa do Regional Sul IV para o ano pastoral 86/87, estrutura-se em três tempos, subdivididos. A linha de fundo é propor uma atitude de pré-planejamento, onde se vise contextualizar a elaboração de um plano pastoral no projeto salvífico de Deus. Nesse sentido a primeira parte do trabalho propõe o mistério da Igreja na concretude catarinense fundado na Trindade Santa, elencando as dimensões dialético-complementares da Igreja já presente entre nós, mas ainda não plenificada. A segunda reflete quatro situações conjunturais (posição privilegiada de SC, nossa religiosidade estrutural, a dificuldade do passo novo, a coragem de uma de nossas Igrejas Particulares e os contrastes de nossa realidade). A terceira parte é projetiva ao acenar algumas situações a serem levadas e, conta no novo projeto (o binômio fé/vida, a Igreja servidora-no-mundo-catarina, ecumenismo. Religiosidade popular, educação para o associativismo e espírito de comunhão e participação. Repropõe-se na conclusão o espírito de fé do plano do Deus Trinitário que deve sustentar nosso plano de homens da Igreja.

1. A Igreja do Regional no Mistério Trinitário

A missão fundamental da Igreja é anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo a todos os homens sem discriminar, mas

É missão permanentemente precípua da Igreja, também em SC, esse anúncio não apenas em palavras, mas sobretudo em testemunho e atos

tendo presente as discriminações que a sociedade criou, para que todos se reconheçam *irmãos* entre si, *filhos* do mesmo Pai e conjuntamente *senhores* da natureza. Esta evangelização, anúncio da Boa Nova, se faz na força do Espírito de Cristo e o conteúdo dela é o Reino de Deus, que entre nós coincide com a pessoa de Jesus Cristo. É missão permanentemente precípua da Igreja, também em SC, esse anúncio não apenas em palavras, mas sobretudo em testemunho e atos. Estabelecer um novo plano pastoral é recriar essa novidade tão antiga quanto nova, na estrutura e conjuntura catarinense para atingir a porção do povo de Deus que aqui está e é Igreja. Ao projetar o novo quinquênio pastoral (será quinquênio?!), nossas oito dioceses — que formam a única Igreja de Cristo, mesmo conservando seus rostos próprios — propor-se-ão como sinal de sua catolicidade o serviço missionário em favor do homem catarinense em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (1).

A Igreja não pode esquecer que seu "*mysterion*", sua *sacramentalidade* está em ser *enviada pelo Pai* aos homens, em *nome do Filho*, na *força do Espírito*, e ela por sua vez deve *refontizar-se sempre na adoração e no louvor* da própria Trindade. Sua missão no mundo sócio-cultural se funda em Deus e sua adoração a Deus nasce no e do mundo por Ele criado. A esperançosa tensão que ela vive, faz-lhe recordar sua dimensão histórico-escológica, que leva as marcas de já-santificada-mas-ainda-pecadora. Por outro lado, ela se sabe instrumento nas mãos de Deus para os homens que dEle precisam, querendo ou não: evidentemente, a Igreja apresenta sua dimensão celeste (na linguagem antiga: Igreja *trifante* e Igreja *padecente*) que une no seio da Trindade os nossos que já ressuscitaram para a vida eterna, quer tenham sido eles católicos, luteranos, budistas, muçulmanos, enfim homens bons de todas as procedências e situações.

Nessa dialética entre o divino e o humano, entre a santidade e o pecado, entre a fé e as interrogações, vive a Igreja de Cristo, mesmo sem esgotar aí sua totalidade.

Enquanto Igreja militante ela vive na absoluta fidelidade de Deus e sente o questionamento crescente dos homens, a quem ela quer evangelizar. Nessa dialética entre o divino e o humano, entre a santidade e o pecado, entre

a fé e as interrogações, vive a Igreja de Cristo, mesmo sem esgotar aí sua totalidade.

Nos aspectos de sua concretude-humano-terrena, ela nos revela uma face quebrada, fruto das divisões humanas que nem sempre ocorreram por fundamentais razões de fé ou de doutrina; antes foi resultado de situações puramente mundanas, com as subseqüentes justificativas teológicas. Algumas divisões foram ocasionadas porque a Igreja se deixou sucumbir nas lutas dos que detêm poderes e riquezas. Ainda, na violência da história, o tempo marcou o rosto da Igreja com milhares de pobres que ficaram e permanecem à beira do caminho na descida de Jerusalém a Jericó, quando passaram sacerdotes e levitas, sem reconhecerem os assaltados da vida (Lc 10,29 ss.) que se chamam escravos negros e brancos, índios, pobres, famintos, doentes, marginalizados, etc. (Mt 25,31 ss.). Por vezes ela tentou reunificar esses pedaços de si própria, batizando-os sem deixar porém de segurar à mão a espada.

Por causa destes pecados, surgem a ânsia e os gemidos do Espírito pela recuperação da "ecumene", superando divisões e reconstruindo a unidade do corpo do Senhor e Cristo.

Mesmo sendo nova, nossa Igreja não pode ser comparada às Igrejas novas das terras de missões

Ao propor-se um novo plano de pastoral, para a comunidade católica, o Regional Sul IV há de ter em conta esses momentos de graça e de desgraça da gente catarinense. E inspirando-se no gesto quenótico do Verbo (Col. 2,7), possa ela fazer carne com a carne de todos, preferencialmente do sofredor mais humilde pendurado na cruz para que Deus possa ressuscitar esses vivos-mortos já nessa vida tão cercada de morte. "O Pai continuará, por Cristo no Espírito, a tomar posição em favor de todas as cruzes que forem levantadas sob o sol, até que não haja mais cruz, isto é, injustiça, dor e morte, e o Filho possa no Espírito, entregar-lhe todas as coisas e Deus seja tudo em todos" (4).

A igreja em SC é praticamente uma Igreja nova, como o é todo o Estado barriga-verde (na verdade somente após 1916, SC passou a existir geopoliticamente tal qual a temos hoje). É bem verdade que desde o início da ocupação brasileira, ao aportarem aqui os portugueses, foram encontrados índios tão religiosos e capazes que logo os jesuítas criaram conventos masculinos e femininos para eles; isso por volta de 1531. No entanto, a presença ativa da Igreja se deu após a criação da Diocese de Florianópolis, em 1908, passando a uma ocupação geopastoral abrangente, apesar de que os grupos de imigrantes anteriormente tenham tido atenção religiosa particular.

Mesmo sendo nova, nossa Igreja não pode ser comparada às Igrejas novas das terras de missões; essas logo apresentaram um florescimento e vitalidade surpreendentes em toda sua organização e missão: Com os imigrantes, vieram, para atendê-los religiosos que tinham não o espírito missionário,

mas sim o de padres migrados. O escasso clero de origem luso-açoriano estava impregnado mais de idéias burocrático-nacionais e residiam aí suas preocupações. O clero aqui chegado por causa da "romanização" vinha imbuído do espírito próprio da pastoral sacramentalizadora e institucionalizadora da igreja. Três momentos de entusiasmo maior (criação da diocese de Fpolis, criação do Regional Sul IV e o atual despertar dos leigos pobres³) não conseguiram uma suficiente vitalidade evangelizadora na Igreja institucional catarinense. E essa é fundamental neste momento. . .

2. Da Nossa Conjuntura até o Olhar de Deus

a) Santa Catarina é um estado com características privilegiadas e muito próprias dentro do contexto nacional. Aqui existe *um dos maiores equilíbrios sócio-econômicos do país*. É o Estado onde proporcionalmente a terra está melhor repartida (estado minifundiarista), as indústrias não são demasiadamente grandes, apesar da potência de algumas, predominam as microempresas. Em sua vocação peculiar, o Estado não apresenta contrastes por demais gritantes. Contudo isso não impede de existirem bolsões de pobreza suficientes para questionar a presença do Reino de Deus entre nós.

É uma Igreja mais intimista que não tem a entusiasta e dinâmica coragem da missionariedade que exige a Boa Nova do Evangelho

b) Duas grandes linhas caracterizam a *estrutura religiosa nossa*: a do imigrante do século passado e a do português dos séculos XVII e XVIII. A primeira — por coincidir com o processo de romanização — é mais clerical, vive em torno da paróquia, tem devoções mais atualizadas, privilegia os sacramentos, preocupa-se com o culto e concebe a religião como um fator de integração social e de salvação individualista. A segunda, a mais antiga, teima em resistir vivendo à margem do sistema religioso, tem um caráter mais laical e festivo, onde às vezes o sagrado e o profano são tão interrelacionados que não se consegue dicotomizar vida e fé: é uma cosmovisão mais da cotidianidade que dos domingos e privacidade do lar. A primeira é, hoje, mais atualizada, tem conhecimento das orientações da Igreja Universal, ao passo que a segunda vem se tornando mais reservada por não receber maior apoio: Uma, majoritariamente, é mais pietista e piedosa; a outra, mais inculturada e responde melhor a apelos imediatamente pouco transcendentais.

c) Dada a predominância da primeira — que inclusive é motivo de se qualificar a nossa como uma igreja europeizada, como aliás toda Santa Catarina — pouco faz sentir sua participação no social e seu dinamismo externo. É uma Igreja mais intimista que não tem a entusiasta e dinâmica coragem (S. Paulo chamaria esta virtude de "parrhesia") da missionariedade que exige a Boa Nova do Evangelho. A ousada coragem de, em nome de Deus, empenhar-se

pelo homem catarinense — que entre nós é o único motivo da presença da Igreja — por vezes fica obnublado pelo êxtase cômico-sacramental e pela reafirmação da ortodoxia da fé. Esta situação última, evidentemente é sustentada pelos bispos catarinenses que asseguram a catolicidade de nossa Igreja; mas curiosamente é dado observar a quem participa das freqüentes reuniões do Regional Sul IV que os bispos estão indiscutivelmente mais preocupados com a situação primeira. E na realidade quem faz nossa Igreja

há no extremo-oeste catarinense uma vitalidade religiosa peculiar

marcar mais o passo ao invés de deslanchar mais, são significativas partes do clero⁴ e de lideranças leigas. A sustentação desses compromissos mais conservadores se faz preferentemente pela nossa classe média, aliás sociologicamente sempre é ela classificada como a mais conservadora.

d) Seria apenas coincidência? Mas, o fato é de que há no extremo-oeste catarinense uma vitalidade religiosa peculiar isso sem demérito para nenhuma outra Igreja. É aquela a região mais nova do Estado, e é resultado da colonização recente. A explosão do desenvolvimento sócio-econômico salta aos olhos. E dado este "bloom", percebe-se os contrastes gritantes da introdução do "capitalismo selvagem". Aí a voz dos empobrecidos tem encontrada ressonância forte particularmente na Igreja diocesana. Contudo, não apenas ressonância de quem acolhe o grito dos pobres, mas aquela Igreja particular vem respondendo criativamente (apesar de não sem conflitos) a outras situações emergenciais, que começam a tipificar o laicato e o próprio clero (veja-se por exemplo o número e as perspectivas dos atuais seminaristas "filósofos" e "teólogos" e o novo modo de ser padre do clero jovem). Esse fato se destaca na conjuntura eclesial do Estado, não porém na sua estrutura. O dinamismo exterior e a envolvimento no social (alguém poderia negar sua espiritualidade?) não lhe outorgam — por si só — o direito de preferência. Afinal, a Igreja não é de Paulo nem de Pedro, não é de Cefas ou de

há um campo vivo e desafiador para a Igreja na projeção de um novo plano de pastoral conjunto

Apolo; ela é de Cristo (cf. 1 Cor, 12 -13). Todavia, tal postura há de interpelar, no sopro do Espírito, a dinamização evangélico-empenhativa de cada uma das outras Igrejas em vista da implantação do Reino.

3. Com Olhos de Deus em nosso Futuro

a) Os privilégios naturais do Estado explorados por nossa gente criam situações sócio-políticas melhores que em outros estados da federação. No entanto, contrastes internos

graves não deixam de existir. E aí há um campo vivo e desafiador para a Igreja na projeção de um novo plano de pastoral conjunto. Segundo a organização espacial da Igreja, o homem concreto será encontrado na pequena comunidade, que se amplia em uma capela ou matriz ou paróquia. Aí se há de ter em conta o imediato do plano pastoral. A diocese — que não é meramente a soma de paróquias, mas a garantia eclesiológica da Igreja — é a força propulsora maior da evangelização, alertando sempre cada cristão para as dimensões mais profundas do homem. Por sua vez em ação conjunta, em comum-união — e isto caracteriza sua catolicidade — as nossas oito igrejas particulares hão de implementar estratégias que ultrapassam as possibilidades e recursos de apenas uma delas isoladamente. É certo que se poderia entender o Regional Sul IV como uma espécie de extensão da CNBB: tal concepção privilegiaria a dimensão jurídica, não só necessária mas válida também. Em perspectiva teológica, porém as Igrejas do Regional asseguram a catolicidade e universalidade de cada uma delas e em comum-união projetam situações de anúncio do Evangelho a toda esta porção do povo de Deus, incluindo ainda os que formalmente aqui não participam desse mesmo povo eleito. A comunhão ou comum-união das oito Igrejas nossas enriquecerá a cada uma em particular recompondo aspectos que talvez por si só uma delas não pudesse cumprir suficientemente sua missão de mensagem da Boa Notícia. Assim sendo, situações que ultra-

O discurso da fé (catequese) será expressivo à medida que unir a palavra à vida, o verbo à carne

passam dimensões geopastorais de uma Igreja particular hão de ser necessariamente preocupação de toda a Igreja do Regional.

b) No confronto do projeto de Deus e a concretude da vida da gente catarinense existem situações privilegiadas que apontam significativos avanços como: o empenho mais solidário nas relações inter-humanas, a tenacidade em construir uma sociedade mais igualitária, o gosto pelo trabalho na co-criação do mundo industrial ou agro-industrial. Todavia subsistem situações catarinas que evidenciam as marcas do pecado tais como: inúmeros e crescentes bolsões de pobreza; situação instável e/ou precária dos índios; marginalização do cabloco; presença de bóias-frias, de desempregados e subempregados; inexpressiva presença e participação da mulher; deterioração ecológica com a má exploração de minérios, com desmatamento desordenado e poluição dos rios; exploração operária de ex-agricultoras nas indústrias têxteis; aumento de menores carentes; aumento e desapareço pelos sem-terras; corrupção no empreguismo público, etc.

subsistem situações catarinas que evidenciam as marcas do pecado

ainda os apelos do Espírito para a desinstalação do poder e assunção do espírito de pastor que busca ovelhas por toda parte. Permanece subconscientemente a imagem medieval de Cristo Rei nos tronos, que é oposta a Jesus Rei da cruz. O realismo histórico de Jesus com todas as suas dimensões, inclusive as de escândalo, é substituído por uma postura intimista. Um novo plano de pastoral terá dois olhos: um no Reino de Deus, como protótipo da sociedade nova, e outro fixará a realidade objetiva que vivemos. A união dos dois acontecerá à medida em que o Evangelho for capaz de penetrar nas estruturas catarinenses (eclesiais, políticas, econômicas, sociais, etc.)⁽⁵⁾, a fim de recuperar para Deus os desprivilegiados nossos que vivem nesse mundo catarina. Paralelamente será preciso recuperar a jovialidade da fé, da liturgia, da catequese na força da Palavra de Deus. O discurso da fé (catequese) será expressivo à medida que unir a palavra à vida, o verbo à carne.

Paulo VI na EN lembrou a ação pastoral de Jesus como infatigável pregador, mas recordou que Ele fazia também sinais e obras. Os sinais se relacionam com os pobres, pequeninos, desprivilegiados: aí estão os elementos materializados da evangelização: "A evangelização não seria completa se ela não tomasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta pessoal e social dos homens", comportando uma mensagem explícita sobre os direitos e deveres do homem, da família, da vida social e internacional, e "uma mensagem sobremaneira vigorosa nos nossos dias, ainda, sobre a libertação"⁽⁶⁾.

c) Acostumados a pensar a Igreja como "nossa" e em relação "aos nossos", a proposta catarinense de pastoral não raro tem permanecido dentro das sacristias, dos colégios católicos e movimentos intra-ecliais. Sem dúvida o fortalecimento interno é básico, mas somente será evangélico se em vista do mundo, e no caso do mundo catarina. A razão de ser Igreja é ser *Igreja-no-mundo*. Nesse final de século, em SC há uma passagem de um tipo de sociedade para outra situação. A religiosidade de nossa gente também acompanha essa mudança cultural e começa a evidenciar sinais de redimensionamento religioso, certamente mais rápidos que o da própria estrutura eclesial. A freqüência e a prática religiosas se transformam (quando não diminuem). Percebe-se uma forte ascendência de católicos culturais que talvez conheçam mais a instituição e rituais da

Não-praticantes, não-cristãos e descristianizados hão de merecer uma atenção explícita no novo projeto pastoral

Em dimensões tipicamente eclesiais, vige uma Igreja preocupada com muitas coisas, mas faz-lhe falta o dinamismo evangelizador. Grande porção de nossas comunidades mantêm uma pastoral de conservação de estrutura e status quo, onde — inclusive o padre — não se percebe

Igreja que o próprio Jesus Cristo. Qualquer agente de pastoral constatará a ausência de conhecimento sobre Jesus Cristo e sua proposta, mas percebe facilmente o discurso (pró ou contra) sobre a Igreja. Há em certas camadas uma descristianização da fé.

Existem inúmeros contextos catarinenses em que há uma verdadeira paganização praxística (enriquecimento ilícito, concentração abusiva de terras, exploração operária, corrupção política, indiferença e ignorância religiosas, comportamentos morais libertinos, humanismo auto-suficiente, etc.). Esses que vivem à margem da fé têm o direito de conhecer as riquezas dos mistérios de Cristo (cf. Ef. 3, 8-9) e se não se lhes anuncia explicitamente o Evangelho como hão de crer? (Rom. 10,14). Não-praticantes, não-cristãos e descristianizados hão de merecer uma atenção explícita no novo projeto pastoral.

d) — Da mesma forma, mas uma contextualização diversa, é hora de a Igreja em SC voltar-se mais fielmente à vontade do Senhor: “Que todos sejam um”(Jo 17,21). A **dimensão ecumênica da fé** deve ser uma iniciativa dos católicos, diz o Concílio Vaticano II ⁽⁷⁾. E a presença de tantos irmãos que professam a mesma fé, crêem no mesmo Senhor, têm o mesmo batismo, devem ser encontrados mais fraternalmente, para além das pequenas divisões que nos separam. Mesmo que creiamos que a Igreja de Cristo subsiste mais fielmente na Católica, convém recordar que elas também, em situações peculiares, constituem a Igreja de Jesus conosco ⁽⁸⁾.

e) — Ao mesmo tempo é hora de ter maior apreço para com a **religiosidade popular (RP)**. Este começa a ter um tema emergente entre os nossos agentes de pastoral. A religiosidade popular é a tradução que os simples fazem da linguagem oficial da Igreja. Não é somente uma simplificação lingüística, mas é antes a recriação da fé e da doutrina no simbólico e parabólico. Passando pelo litúrgico (veja-se nesse número de ENCONTROS TEOLÓGICOS o artigo de Manoel João Francisco), a RP envolve todas as dimensões da fé-vida do popular, como era o caso dos “terços de S. Gonsalo” em Araquari, os casamentos e “quadros santos” no Contestado, as festas do Divino no planalto

Como educar a fé sem educar para a cotidianidade? Como catequizar sem se aperceber que a fé há de ser traduzida em comportamentos pessoais e sociais?

e no litoral, etc. Da RP é preciso sobretudo recuperar a festividade. Nossa Igreja está “séria” demais, nessa vida com agruras demais. Evangelizar e catequizar de modo mais festivo é retomar a graça e a jovialidade de nossa fé imprimindo a coragem do sentimento, do sensível, do visual, da música, do ritmo e da dança. (Essa é uma coragem possível e criativa como foi a proposta de um ex-aluno meu que, impressionado com o mutirão da colheita da mandioca, traduziu liturgicamente diversas fases de toda aquela simbologia festiva de agricultores dum município do sul do Estado).

f) — Como educar a fé sem educar para a cotidianidade? Como catequizar sem se aperceber que a fé há de ser traduzida em comportamentos pessoais e sociais? Neste sentido parece necessário que a proposta pastoral nova, tendo em conta o desenvolvimento ou crescimento do Estado, se preocupe em ajudar criar situações concretas de fraternidade. Percebe-se um vazio entre operários e agricultores. Estas duas classes, que são básicas entre nós, terão forças à medida que criarem a consciência grupal. Um real serviço evangelizador poderia oportunizar cursos sobre os mais diversos tipos de **associativismo** (sindicatos, cooperativas, associações e movimentos populares, etc.). As classes trabalhadoras em SC ainda estão na Igreja; acompanhá-las — antes que também aqui elas nos abandonem — é missão urgente dos que amam a Deus e aos irmãos (cf. I Jo 4,20). Respeitada a autonomia do mundo do trabalho, o Regional Sul IV poderia implementar programas que fizessem crescer a consciência solidária desses homens e mulheres, privilegiando não-cristãos para a liderança operária, mas lideranças operárias que se cristificam (mais que se cristianizam).

g) — Ainda os novos instrumentos pastorais que o Regional Sul IV propuser haverá de propiciar a **participação e a comunhão**. Há hoje um crescente anseio de participação no construir a sociedade fraterna (diretas-já, constituinte/constituição, reforma agrária, apoio ao confisco de bens de especulação, etc.). Também na vida interna da Igreja o reexame do uso do poder, da participação da mulher, na reinvenção dos ministérios, da recuperação do direito missionário de cada crente são indícios desta aspiração social. Sabedora de que o mundo foi feito para todos a Igreja em SC se empenhará certamente por criar e defender a justa e necessária participação segundo o que lhe é próprio: na comunhão. A comunhão, no caso, é com o espírito

Planejar pastoralmente é em certo sentido assumir o lugar salvífico da trindade ao fazer o homem a sua imagem semelhante

de Cristo, não com o espírito do mundo. Mesmo incentivando e promovendo a participação e a comunhão, a Igreja estará atenta para que este espírito de Cristo “emprenhe”, engravide e plenifique a vida nova. Nós não somos meramente mundanos (nem meramente divinos), mas a comunhão e participação nossas, pervadindo nossas relações sociais, fazem aflorar a fraternidade em Cristo, a filiação no Pai e co-domínio pelo Espírito.

Concluindo: **no coração do Deus Trinitário**

O planejamento pastoral, antes de tudo, “é um profundo ato de fé em cada momento histórico, como “momento de salvação” e se traduz em uma ação que torna possível a revelação, atualização e celebração festiva” ⁽⁹⁾. Planejar pastoralmente é em certo sentido assumir o lugar salvífico da Trindade ao fazer o homem a sua imagem semelhante para amá-lo intensamente dando-lhe plenitude de vida. E em aí estando o homem e cada homem concreto,

E no final da festa nova saberemos que o mundo catarina terá sido tocado pelo dedo divino e pela mão nossa num gesto de ternura e de amor

ao planejar estar-se-á visando fazê-lo atingir a estatura de Cristo, recompondo sua face quebrada pelo pecado do velho Adão. Por isso, envolver-se nessas situações de menos vida, especialmente do homem catarina para remetê-lo ao Pai, que ama e se condói com os gemidos dos filhos seus, ao filho que se fez um de nós para que nós nos revestíssemos dEle, e ao Espírito Santificado e Santificador que suspira por Deus em cada homem, é a razão do repensar a Igreja catarinense nos próximos anos. E nossa Igreja, ao fazer o novo projeto reafirmar-se-á como sacramento divino do encontro de Deus conosco. E à medida em que o executor, há de propiciar a certeza de que nossas saudades de Deus se vão converter em festas de irmãos, onde cada um cantará um poema novo no mundo do trabalho rural e operário, onde cada um se alegrará por causa da justiça que privilegia o irmão marginalizado, onde todos dançarão de alegria pois que será permitido sonhar com a certeza de que voltaremos, à imagem de Cristo, ser irmãos, filhos do Pai comum, envolvidos pelo Espírito, assumindo coletivamente o senhorio da natureza. E no final da festa nova — resultado da comum-união dos irmãos — saberemos que o mundo catarina terá sido tocado pelo dedo divino e pela mão nossa num gesto de ternura e de amor onde nasce o mundo novo, onde haja mais donos de terras de plantar, casas de morar e instrumentos novos de participar e comungar segundo o espírito de Deus na implantação de seu Reino.

Notas:

- (1) Veja-se nosso estudo: "Projeções provisórias sobre a Igreja em Sta. Catarina", ITESC, mimeografiado, 1986.
- (2) FORTE, Bruno. **JESUS de Nazaré. A história de Deus, Deus da história.** Ensaio de uma Cristologia como história. Paulinas, S. Paulo, 1985, pág. 191
- (3) RIBEIRO, Helcion. **Leigos pobres na renovação da Igreja em Santa Catarina**, in ENCONTROS TEOLÓGICOS, Ano L, nº I, pág. 15.
- (4) Cf. Relatório do "I Encontro dos Presbíteros do Regional Sul IV", 1986, s/e.
- (5) Cf. EN. 20.
- (6) EN. 29.
- (7) Cf. UR. 4, e.
- (8) UR. 3,a
- (9) CAPPELLARO, Juan et alii. **Da massa al popolo di Dio.** Cittadella Ed.: Assisi, 1981, pág. 101

Endereço do autor:
Casa Paroquial — Saco Grande II — Rod. Vergílio Várzea s/n — 88030
— Florianópolis — SC

A Igreja em Santa Catarina em tempo de revisão e planejamento

Pe. Nilo Buss
Prof. de Pastoral

Introduzindo

Estamos em tempo de Revisão e Planejamento. É a tônica presente no Regional Sul IV da ONBB, em cada uma das suas 8 (oito) Igrejas Particulares (Dioceses) e também a nível de Igreja nacional (ONBB). Esta, em sua 25ª Assembléia Geral, que certamente acontecerá em abril de 1987, elegerá uma nova Diretoria, os Bispos que integrarão a "Comissão Episcopal de Pastoral" (CEP) e o novo "Conselho Permanente", bem como ainda a "Comissão Episcopal de Doutrina". A partir desta mesma Assembléia Geral certamente os Bispos da ONBB elaborarão Novas "Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil" bem como novo "Plano Bienal dos organismos nacionais" para o biênio 87/88.

Novo Plano de Pastoral do nosso Regional a partir da sua Assembléia Geral em Novembro de 1987.

Quanto ao Regional Sul IV da ONBB, parece que está havendo uma decisão claramente assumida de, a partir da última Assembléia Geral do Regional Sul IV que aconteceu em Lages (SC), de 7 a 9 de novembro de 1986, partiu-se para encaminhar uma revisão profunda da caminhada Pastoral em Santa Catarina, a par do último "Plano de Pastoral" que esgota seu tempo de vigência por ocasião desta mesma data. Esta mesma revisão geral que foi orientada para todos os setores de Pastoral do Regional Sul IV, como que num grande mutirão, já foram apontados os elementos que serão assumidos, integrados e contemplados para o nosso Plano de Pastoral do nosso Regional a partir da sua Assembléia Geral em Novembro de 1987.

Acreditamos que será por demais importante este ano de Revisão. Será como que um olhar para o passado a fim de melhor e prospectivamente jogarmos depois o olhar para o futuro. O próximo plano deverá ser continuidade do atual, ou pelo menos levar em conta o lugar onde estamos com o nosso trabalho pastoral. E desta tarefa toda, se assumida com muito carinho e fé, envolvendo a muitos, participativamente, nascerão novas lideranças que juntamente com muitas das que hoje articulam o agir Pastoral em Santa Catarina, integrarão o *Novo Conselho Regional de Pastoral* que terá por responsabilidade primeira levar a efeito, então, o novo Plano que surgirá.

Assim, diante deste momento tão importante e especial pelo qual passa a Igreja em Santa Catarina, em seu momento histórico de replanejamento, quando em sua missão ela é interpretada por muitos desafios, gostaria de tecer